

Jonathan Nackstrand/AFP



Anúncio dos dois vencedores ocorreu durante cerimônia em Estocolmo, Suécia, sede da condecoração

MACROECONOMIA

Nobel premia estudos sobre estabilização

Robert E. Hall e Michael Woodford, laureados ontem, criaram modelos sobre como governos e bancos centrais devem agir para conter a inflação e crises econômicas

» RAPHAEL PATI
» NATHALLIE LOPES

Ontem poderia ser apenas mais um dia normal na vida de Michael Woodford, professor de Economia na prestigiada Universidade Columbia. Pela manhã, ele aplicaria provas para uma turma em que leciona e, durante a tarde, tinha agendado uma entrevista de emprego no departamento que coordena. No entanto, logo cedo, Woodford recebeu a surpresa de ser condecorado com a maior honraria para um economista: um prêmio Nobel na categoria, dividido com Robert E. Hall, professor da Universidade de Stanford, outra famosa instituição de ensino nos Estados Unidos. “É uma notícia e tanto. Eu achava que, geralmente, davam o prêmio a pessoas mais velhas”, disse o professor sobre o momento em que recebeu a notícia sobre o prêmio. Ele concedeu entrevista por telefone à organização do Nobel e reconheceu a inspiração em Hall para realizar os trabalhos que foram condecorados com o prêmio. “Ele foi uma das pessoas cujo trabalho estudei bastante quando estava na pós-graduação, no primeiro ano do nosso doutorado”, contou.

Hall, de 83 anos, e Woodford, de 71, dividirão o prêmio de 12 milhões de coroas suecas (cerca de R\$ 6 milhões) por desenvolverem modelos econômicos que ajudam a explicar como governos e bancos centrais podem agir para conter crises, controlar a inflação e reduzir as oscilações da economia. A economia alterna períodos de expansão e retração. Quando a atividade perde força, governos podem aumentar os gastos públicos, enquanto bancos centrais reduzem os juros para estimular o consumo e os investimentos. Quando a economia cresce rapidamente e a inflação aumenta, as autoridades podem adotar medidas para desacelerar a demanda.

O problema é que essas decisões nem sempre produzem os resultados esperados. As crises do petróleo da década de 1970 expuseram as limitações dos modelos econômicos usados até então. Apesar das medidas adotadas, países ocidentais enfrentaram uma combinação de inflação elevada, desemprego e baixo crescimento. O cenário colocou em xeque a capacidade das políticas de estabilização de manter a economia sob controle.

Os pesquisadores ajudaram a mudar essa abordagem ao desenvolver modelos que partem das decisões de indivíduos e empresas para explicar o comportamento da economia como um todo. Essa perspectiva, conhecida como “microfundamentos da macroeconomia”, considera que as escolhas sobre consumo, poupança e preços influenciam os indicadores econômicos. Outro ponto importante é a expectativa em relação ao futuro. Quando um banco central comunica que pretende alterar os juros, por exemplo, famílias e empresas podem rever suas decisões antes mesmo de a medida entrar em vigor. A comunicação das autoridades, portanto, também pode influenciar o rumo da economia.

Durante o anúncio dos vencedores do Nobel de Economia de 2026, em Estocolmo, na Suécia, John Hassler, professor norte-americano do Instituto Internacional de Economia e PhD no Massachusetts Institute of Technology (MIT), explicou que ambos ajudaram a construir uma nova versão sobre a estabilidade econômica baseada no modelo de John Maynard Keynes, que propôs maior intervenção do estado após a crise de 1929, adaptado a uma realidade mais atual.

“Para entender como essas políticas afetam a economia como um todo, é preciso começar analisando como cada família decide o que consumir e como cada empresa define seus preços. É o que chamamos de microfundamentos, a base sobre a qual foi construída a nova teoria keynesiana. Esse modelo é utilizado por formuladores de políticas econômicas no mundo inteiro”, discurso Hassler.

Keynesianismo

Mauro Cazzaniga, economista e candidato a PhD no MIT, disse ao **Correio** que os trabalhos de Woodford representam o modelo “Novo-Keynesiano”, utilizado como base para outros modelos de simulação da economia a curto e médio prazo utilizado por instituições como bancos centrais ao redor do mundo.

“O trabalho de Robert Hall, construindo a partir de hipóteses de Milton Friedman, mostrou que o consumo individual não depende apenas da renda atual, mas também das expectativas de renda e consumo futuro. Woodford integrou essa perspectiva junto com a proposta de outros economistas na década de 80 de que empresas conseguem reajustar seus preços apenas periodicamente, e portanto também tomam decisões a partir de suas expectativas de preços futuros”, avalia Cazzaniga.

Portanto, o economista destaca que, com base nesses estudos, inflação e consumo são variáveis que dependem de expectativas futuras, e guiar essas expectativas tem sido uma ferramenta importante para governos e bancos centrais. Para o professor Riezo Almeida, coordenador do curso de Ciências Econômicas do Instituto de Ensino Superior de Brasília (Iesb), a tese vencedora do Nobel de 2026 demonstra que medo, precaução e pessimismo sobre o futuro são fatores econômicos reais, capazes de alterar consumo, poupança, investimento e inflação.

“Suponha que um empresário do ramo da saúde administre uma clínica e esteja considerando comprar equipamentos de R\$ 500 mil e contratar mais dois profissionais. Se espera queda na procura por serviços, aumento de custos ou juros maiores, ele pode adiar a decisão. Imagine, então, se outras empresas fizerem o mesmo”, exemplifica Almeida.

Realidade próxima

O economista André Braz, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acredita que o trabalho de Hall e Woodford não está muito distante da realidade do “brasileiro comum”, no sentido de as decisões de consumo das famílias influenciarem a economia como um todo. “Por exemplo, a família começa a perceber que o número de horas extras está diminuindo, e isso começa a afetar a renda familiar, ela também vai se adaptar a essa redução de renda, freando o seu consumo. E o freio do consumo familiar acaba prejudicando o produto, e acaba prejudicando a geração de novos empregos”, compara Braz.

Já o professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto Luciano Nakabashi lembra que o próprio Keynes citava a questão das expectativas dos consumidores, mas detalhava o tema muito a nível micro. “Acho que a grande diferença de outros economistas que vieram depois é começar a ‘microfundamentar’, ou seja, a partir da decisão dos agentes, você entende as mudanças de variáveis relevantes macroeconômicas”, destaca Nakabashi.

ENEM 2026



PREPARE-SE PARA O ENEM 2026 JUNTO COM O CORREIO BRAZILIENSE.

O Correio Braziliense, com o apoio do Bernoulli Educação, está preparando conteúdos exclusivos para ajudar você na preparação para o ENEM 2026.



Serão materiais, dicas e orientações pensados para fortalecer seus estudos, aumentar sua confiança e contribuir para um bom desempenho nas provas.

Acesse e saiba mais:



Apoio:



Promoção:

